

O APEGO PELA NOITE: a prostituição de travestis na cidade de Guarapuava/PR

Luana Oliveira^(*)
Thalita Rafaela Neves^(**)
Briena Padilha Andrade^(***)
Rafael Bozzo Ferrareze^(****)
Rafael Siqueira Guimarães^(*****)

Resumo

No presente trabalho abordou-se a prostituição travesti, vivenciada em uma famosa avenida do município de Guarapuava-PR, refletindo sobre as várias faces envolvidas nessa profissão histórica, bem como as vivências das travestis em meio a esse cenário.

Palavras Chave: Travestis. Prostituição. Profissão.

Abstract

The current work study the prostitution of transexuals lived on a famous avenue in the city of Guarapuava - PR, reflecting about the many parts involved on this historical profession, as well as how this transexual lives inside of this scenario.

Keywords: Transexuals. Prostitution. Profession.

INTRODUÇÃO

Nesse artigo abordaremos a problemática da prostituição travesti, tomando como norte um estudo realizado na Avenida Manoel Ribas, do município de Guarapuava, no estado do Paraná. Essa avenida é caracterizada pelos inúmeros pontos de prostituição de mulheres e travesti.

Nossa pesquisa realizou-se com a participação de quatro estudantes de mestrado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário da UNICENTRO – Irati/PR . Objetivando ampliar os olhares acerca do universo

^(*) Psicóloga e estudante do Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: luanafressetto@yahoo.com.br.

^(**) Psicóloga e estudante do Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: nevethalita@hotmail.com.

^(***) Enfermeira e estudante do Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário Pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: briena3@gmail.com.

^(****) Assistente Social e estudante do Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: rafaelerrareze@hotmail.com.

^(*****) Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: rafaorlando@gmail.com.

prostitucional, formamos um grupo de trabalhado bastante heterogêneo, pois éramos em duas psicólogas, uma enfermeira e um assistente social.

Buscamos com esse trabalho, realizar uma discussão de gênero acerca das travestis que se prostituem no local já mencionado. Para tanto, no decorrer do trabalho, apresentaremos alguns conceitos norteadores da nossa reflexão, tais como: travesti e estigma. Discutiremos sobre o modelo ideário do ser mulher, desigualdade de gênero pautada na heterossexualidade, e a problemática travesti em meio a esse cenário. Ainda, apresentaremos as reflexões realizadas pelos autores ao logo do estudo de campo e construção do trabalho.

MÉTODO

Neste trabalho fizemos um estudo com abordagem qualitativa, pois pesquisamos aquilo que é não é mensurável, como significados, sentidos e questões subjetivas. Isso corresponde a um campo mais denso das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser simplificados apenas a números e estatísticas¹ (MINAYO, 1995). Assim, realizamos uma pesquisa de campo que consiste em nossa participação ativa diante da demanda que a pesquisa apresenta. Essa forma de estudo procura relacionar as informações obtidas de acordo com as suas dinâmicas, sendo possível a aquisição de novos significados e informações. Dessa forma, os dados não foram comprometidos de acordo com uma ótica linear, mas sim, a partir de diversas fontes e contextos que surgiam no decorrer da pesquisa. Nosso método consistiu no Estudo de Campo caracterizado por nossa participação ativa frente ao que nos foi apresentado como objeto de estudo² (REY, 2005).

O Estudo de Campo tem como foco uma comunidade ou grupo, não necessariamente sendo limitado por territórios geográficos, mas simbólicos também, que considera as relações existentes em determinada comunidade. Dessa forma procuramos nos aprofundar no fenômeno proposto, e entendemos que o planejamento desse estudo ocorreu com flexibilidade³ (GIL, 2002). Esse tipo de pesquisa se caracteriza pela utilização de entrevistas e de observação por parte de quem pesquisa.

¹ MINAYO, Maria Cecília de Souza M. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

² REY, Fernando Gonzalez. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade – Os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005

³ GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Entendemos que apenas com uma imersão na realidade a ser investigada poderíamos ter uma noção dos costumes, hábitos e percepções por nós interessados.

Através desta proposta, utilizamos como instrumento a Observação Participante que enfatiza as relações informais do pesquisador dentro do campo⁴ (MINAYO, 2008) sendo a observação: “Um modo de pesquisar que coloca o pesquisador no meio da comunidade que ele está estudando”⁵ (AGROSINO, 2008). Para Gil (2008, p.100) “observação nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano”⁶. No entanto, é possível utilizá-la como procedimento científico, quando a observação é planejada e serve para relacionar com o objeto de pesquisa. É uma técnica que permite a percepção direta dos fatos. De acordo com Minayo (2008, p. 153):

“Observar”, naturalmente, não é simplesmente olhar. Observar é destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais etc) algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características (cor, tamanho etc). Observar um “fenômeno social” significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações, etc⁷.

Assim, como ocorre em outras técnicas na pesquisa qualitativa, a observação pode implicar nas atitudes do que será observado provocando alterações no comportamento dos sujeitos, por estes, se sentirem intimidados. A Observação Participante implica a observação ativa, em que se possibilita uma participação real do conhecimento da comunidade, permitindo um papel participativo do pesquisador dentro do contexto estudado e sua integração com o objetivo de investigar⁸ (GIL, 2008).

Outro instrumento utilizado foi a entrevista semi-estruturada. Constitui-se como um instrumento com perguntas pré-formuladas e que permite ao participante informar

⁴ MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2008.

⁵ AGROSINO, Michel. *Etnografia e Observação Participante*. São Paulo: Artmed, 2008.

⁶ GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

⁷ MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2008.

⁸ GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

de maneira livre o tema discutido⁹ (MINAYO, 1994). De acordo com Trivinõs (2009, p.146) “ ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessária, enriquecendo a investigação¹⁰”. Esse instrumento parte de questionamentos e temas básicos que tem relação com a pesquisa feita¹¹ (MINAYO, 2008). As respostas das entrevistadas foram abertas, ou seja, tiveram a liberdade de poder responder como e pelo tempo que almejavam sendo dessa maneira, uma conversa com finalidade, facilitando uma abertura e comunicação¹² (MINAYO, 1994). Os assuntos propostos na entrevista coletaram informações dos entrevistados sobre como é ser travesti.

Em relação aos sujeitos de pesquisa, tivemos contato com três travestis profissionais do sexo, os quais se encontravam nas esquinas da Avenida Manoel Ribas de Guarapuava/PR. A escolha destes indivíduos ocorreu a partir de nossa observação na Avenida e na aceitação destas em realizar as entrevistas no mesmo local.

A avenida que escolhemos para as abordagens localiza-se situada na entrada da cidade, com fácil acesso tanto aos moradores da cidade de Guarapuava, quanto de pessoas que passam pela rodovia. Trata-se de uma avenida bastante movimentada, com significativo fluxo de carros. Lá, diariamente, das 19 às 22 horas, encontram-se diversas profissionais do sexo, tanto mulheres quanto travestis, posicionadas em sua totalidade nas esquinas, tornando-se, assim, um excelente local para a realização das entrevistas.

PROSTITUIÇÃO

A prostituição feminina é uma atividade que existiu em diversas civilizações, assumindo dessa forma um caráter histórico. No ditame popular, a prostituição é referida como o mais antigo trabalho que o ser humano já testemunhou. É sabido que essa visão não pode ser reconhecida plenamente, o que se observar são as progressões e mudanças que esse trabalho experienciou no decorrer dos anos, no que cerne a

⁹ MINAYO, Maria Cecília de Souza M. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

¹⁰ TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

¹¹ MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2008.

¹² MINAYO, Maria Cecília de Souza M. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

conceituação, legitimação ou a percepção social¹³ (FONAI; DELITTI, 2007; CUNHA, 2012).

Ao longo da história, a atividade prostitucional apresenta contrassenso em relação ao imaginário social pautado nos princípios da família e da moralidade. Na contemporaneidade, mesmo após a liberdade sexual ter sido conquistada pelas mulheres a partir dos anos 60, a prostituição segue carregando restrições e estigmas¹⁵ (GUIMARÃES, BRUNS, 2008).

Silva, Costa e Nascimento (2010) assinalam que o trabalho da prostituição é uma espécie de comércio entre profissionais do sexo e clientes. Caracterizada pela técnica de negociação, serviços de origem sexual, como prazeres, fantasias, afagos, atenção, relações sexuais e companhia. Essas práticas são desempenhadas por meio da transação com clientes acerca dos serviços que serão desempenhados e o valor que será cobrado¹⁶.

O profissional do sexo tem em si e em seu corpo seu instrumento laboral, utilizando-se deste para vender serviços em troca de dinheiro, da mesma maneira que fazem outros trabalhadores de distintas profissões. No entanto, o que o diferencia de um trabalhador qualquer é o estigma que a sociedade confere a ele¹⁷ (BRUNS; GOMES, 1996).

Segundo Goffman (1988), a sociedade designa meios para classificar os indivíduos e as características normais para os membros que compõe cada categoria. Os espaços sociais fundam as classes de pessoas que têm possibilidade de serem neles encontradas. Segundo a visão do autor, a sociedade elege e identifica comportamentos, indivíduos e atitudes que cada espaço social deve ter para que se torne um elemento reconhecido daquele local. Aqueles que se contrapõem a esse padrão de “normalidade”, por possuírem características vistas como negativas para aquele contexto, são

¹³ FONAI, Ana Carolina Vieira; DELITTI, Maly. Algumas contingências mantenedoras do comportamento de prostituir-se. *Rev. bras. ter. comport. Cogn.* v. 9, n. 1, p.103-113, 2007.

¹⁴ CUNHA, Maria João Mendes. *Vivências do Corpo na Prostituição Feminina*. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012.

¹⁵ GUIMARÃES, Roberto Mendes; BRUNS, Maria Alves de Toledo. *Prostituição de luxo: a vivência sexual das profissionais do sexo*. ANAIS *Fazendo Gênero & Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis, 2008.

¹⁶ SILVA, Edil Ferreira; COSTA, Daysse Beserra; NASCIMENTO, José Ulisses. O trabalho das profissionais do sexo em diferentes lócus de prostituição da cidade. *Psicologia: Teoria e Prática*. v.12, n.1, p.109-122, 2010.

¹⁷ BRUNS, Maria Alves de Toledo; Gomes, Osvaldo Pereira Junior. (1996). *Prostituição: O discurso de quem se vende e o silêncio de seu comprador*. *Jornal Brasileiro de DST*, Rio de Janeiro, 8(4), 4-13.

estigmatizados¹⁸. A prostituição, por envolver em sua prática o sexo e a sexualidade, contrapõe o que é esperado convencionalmente pela sociedade para um trabalho, justificando assim, o estigma que acompanha a história dessa profissão.

Boaventura de Sousa Santos (2002) considera que na contemporaneidade existem variadas formas de se praticar a dominação e a opressão. O autor apresenta, como exemplo, o patriarcado, onde a mulher assume uma posição inferiorizada em relação ao homem¹⁹. As profissionais do sexo, por todo o estigma que sua profissão carrega, vivenciam cotidianamente essa realidade, pois sofrem opressão de gênero, opressão no trabalho (ou por exercer tal trabalho), opressão na rua e em distintos segmentos.

Bourdieu (2002, p.18) expõe que “O comércio do sexo continua a ser estigmatizado, tanto na consciência comum como no direito, que literalmente exclui que as mulheres possam escolher dedicar-se à prostituição como um trabalho”²⁰. Ressalta-se que essa punição, que o indivíduo que cursa a prostituição experiencia, não acontece com outras profissões, pois, apesar de toda a evolução que a prática prostitucional teve ao longo dos anos, ela ainda continua a ser vista como algo pecaminoso, fácil e sem valor; como consequência dessa reprodução social, os trabalhadores do sexo também são visualizados por essa lógica.

Dessa forma, o principal obstáculo, a ser superado diariamente pelos indivíduos que a exercem, é a não aceitação de seu labor como tal, bem como os estigmas e preconceitos que lhes são impostos, impossibilitando, muitas vezes, que essas trabalhadoras tenham acesso às demandas sociais comuns, colocando-as como não pertencentes a sociedade²¹ (MADEIRO, RUFINO, 2012). Esquecendo que essa mesma sociedade que condena é a sociedade que financia tal atividade.

QUEM E O QUE SÃO OS TRAVESTIS?

¹⁸ GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

¹⁹ SOUSA SANTOS, Boaventura. *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

²¹ MADEIRO, Alberto Pereira; RUFINO, Andrea Cronemberger. *O Aborto induzido entre prostitutas: um levantamento pela técnica de urna em Teresina - Piauí*. CienSaude Colet. v.17, n.7, p.1735-1743,2012.

Ainda no século XXI, muitas pessoas não sabem ou conhecem quem ou o que são travestis. Devido ao grande preconceito e estigma que cerca este público, grande parte da população tende a acreditar ou entender diferentes conceitos sobre estas pessoas. Seguindo o pensamento e o conceito empregado as mesmas por pessoas que confessam uma determinada fé, acredita-se que travestis são pessoas que não possuem uma religião, que são incrédulas, ou que não tem Deus dentro de seus corações e mais além, que são pessoas possuídas e guiadas pelo demônio. No entendimento e visão de outras pessoas que muitas vezes não praticam algum tipo de crença, mas estando impregnadas de uma moral conservadora, travestis submetem-se a este tipo de vida e personificação corporal por pura “safadeza” ou para viver e gozar os prazeres de uma vida “fácil” advindas do comércio do sexo. Nota-se também que o público oriundo do meio acadêmico ou profissional onde se entende que o estudo e o conhecimento através da educação possui o poder de romper com o preconceito, estigmas e alienações, estes não entendem ou sabem quem são estas pessoas, ou no caso de um prévio e raso saber, muitos preferem ainda deixar este público à margem.

Através de nossas vivências em campo pudemos entender e ver quem são e o que são as travestis, desmistificando todo um conceito criado não somente por familiares bem como pela sociedade civil ao longo de nossa formação. Assim, apresentaremos o entendimento do termo travestis visto através de alguns autores que também mantiveram contato através de estudos e pesquisas rente a este público, para posteriormente apresentarmos nossas conclusões, olhares e entendimentos sobre as mesmas.

Silva (2008, p. 135-136) define este público como sendo:

O termo “travesti” [...], significa e nomeia seres humanos que possuem um corpo biologicamente masculino e identidade de gênero feminina. Para atingir o ideal da aparência do gênero adotado e representar sua identidade, essas pessoas tomam hormônios femininos, usam silicone e realizam várias outras transformações corporais [...] Em geral, as travestis são representadas pela beleza dos corpos [...] e pela exuberância de seu gestual e performance corporal [...]²².

A autora trabalha com o conceito do ser travesti abordando a vertente biológica onde se utilizam de hormônio e silicone para a obtenção de um corpo feminino e a de gênero lidando com a autoimagem, como a travesti se vê e se entende para si e dentro de nossa cultura. Lopes (1995) apresenta um conceito sobre travestis como sendo homens

²² SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. *Revista Geouerj*, v. 1, n. 18, p. 135 – 149. 2008.

que se relacionam sexual e afetivamente com outros homens inserindo em seus corpos símbolos do feminino, não desejando, no entanto realizar a cirurgia de redesignação sexual, pois os mesmos convivem com seu órgão sexual sem problemas²³. O autor ainda trás para maior esclarecimento sobre tal personalidade a fala de Claudinha Delavatti, (travesti já falecida) com quem pôde conversar no período de sua pesquisa, esta afirmava que: “Não basta se vestir de mulher [...] travesti que não toma hormônio não é travesti, pensa que é carnaval e sai fantasiado de mulher” (Lopes 1995, p.225). Para Lopes as travestis se entendem como sendo do sexo masculino, porém buscam feições e aparência feminina para relacionar-se com outros homens. A fala de sua entrevistada nos mostra que o ser travesti não permanece e não pode apenas permanecer na aparência visual, o ser travestis para esta está entrelaçado com a mudança estético/biológica do corpo que habitam, ou seja, para se tornar ou para ser aceita como travesti, a mesma teria que passar pelos processos de hormonização e siliconização.

Denizart (1997) aborda a compreensão do ser travesti também na fala de uma de sua entrevistada, esta o referiu como:

[...] ser travesti é ser corajoso. Tem que ter coragem, porque para a pessoa assumir sua sexualidade, enfrentar a sociedade, é preciso ter muita coragem! A sociedade discrimina o travesti... A sociedade não aceita, quer dizer, não aceita entre aspas, porque na noite... (Jossy) (Denizart, 1997, p. 27)²⁴.

A entrevistada de Denizart (1997) nos mostra o significado do ser travesti sobre a ótica do poder simbólico, pois agrega o “ser travesti” a coragem para tornar-se tal. A mesma ao longo de seu discurso apresenta elementos para dada ação o fato de serem discriminadas e não aceitas pela sociedade, tornando-as fugitivas de uma moral e de um comportamento padrão imposto pela mesma, o poder simbólico aqui entende-se como sendo a ação exercida pela sociedade de discriminar seja aberta ou veladamente as travestis, sendo estas corajosas para lutarem e assumirem-se mesmo assim. Em contra partida este poder ou esta discriminação a que são submetidas permanece apenas durante a luz do dia, pois segundo a entrevistada as travestis não são aceitas durante este período, no entanto à noite, os homens desta mesma sociedade as procuram e porque não dizer, as mantêm.

²³ LOPES, Suzana Helena S. S. 1995. Corpo, metamorfose e identidades: de Alan a Elisa Star. In LEAL, Ondina F. (ed.): *Corpo e significado*. Porto Alegre: Editora da Universidade.

²⁴ DENIZART, Hugo. *Engenharia Erótica: Travestis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

Segundo o entendimento do Kulick (1998) o termo travesti:

[...] deriva do verbo tranvestir ou transformar. Contudo, travestis não apenas se transformam em mulher. O que é mais característico sobre travestis e em outras partes do Brasil é que elas adotam nomes femininos, estilos de roupa, penteados, maquiagem e pronomes linguísticos; ingerem grandes quantidades de hormônios femininos e pagam outras travestis para injetar até vinte litros de silicone industrial em seus corpos a fim de adquirir características femininas corporais, tais como seios, quadris largos, pernas grossas e o mais importante: nádegas grandes [...] (Kulick, 1998, p. 5-6)²⁵.

Kulick (1998) também expressa a percepção de travestis através dos processos biológicos elencando ainda a estes processos de empoderamento a ritualística feminina.

Resgatando todas estas discussões e apontamentos sobre o ser travesti através das bibliografias e incorporando aos nossos olhares e falas de nossas participantes entendemos que algumas travestis não é e nem quer ser mulheres, as mesmas utilização acessórios e ornamentos femininos bem como hormônios e silicone para alcançarem uma aparência feminina cada vez maior e melhor.

No entanto o que pudemos ver também é que as travestis entrevistadas primeiramente querem estar bem consigo mesmas, elas não necessitam de uma aceitação plena da sociedade para serem o que são, como visto em vários artigos que trabalham com esta temática algumas delas não se consideram nem homens e nem mulheres, mas há aquelas que se consideram homens ou mulheres. As travestis e utilizamos o sufixo "a" para dirigir-nos as mesmas, pois é como elas gostam de serem vistas, como mulheres²⁶ (Pelúcio, 2004), fogem da ordem binária, elas gostam e querem transitar tanto sobre o que é tido como do masculino bem como do feminino, percebemos ainda que o fato de não se enquadrarem em uma dessas polaridades é o que as tornam abjetas para e em meio à sociedade.

Na concepção de Santos (2006, p.4) o tornar-se travesti seria:

Uma aventura inacabada, que requer constantes reparos e adequações estéticas e hormonais, depilações, injeções de silicone líquido, próteses, penteados, maquiagem, etc. Mas ao

²⁵ KULICK, Don. *Travesti: Sex, Gender and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes*. Chicago, The University of Chicago Press, 1998. *Travesti: Prostituição, Sexo, Gênero e Cultura no Brasil*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2008.

²⁶ PELÚCIO, Larissa Maués. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. *ANTHROPOLÓGICAS*, ano 8, volume 15(1): 123 – 154 (2004).

feminilizar seu corpo, o homem perde o seu lugar privilegiado na hierarquia social do ocidente [...] ²⁷.

É entendido que o fato de negarem o poder que seus falos exercem dentro de nossa sociedade para assumirem não um órgão sexual feminino, mas sim uma postura identitária feminina as torna abjetas e inferiores entre os homens de bem, pois na cultura machista e falocrática a mulher ocupa uma posição de subordinação e manutenção, ou seja, a mesma para estes homens está à disposição para atendê-los e realizar seus desejos de toda e qualquer ordem mantendo esta sociedade, a do falo, ativa e viva, sendo apenas um produto a ser consumido ou utilizado. Sendo assim é entendido que as travestis também se enquadram nesta ordem machista e da subordinação, pois sendo vistas como mulheres as mesmas entram nesta engrenagem da submissão e da satisfação de quaisquer tipos de desejo.

PROSTITUIÇÃO: PORQUE AS TRAVESTIS SE APEGAM AS RUAS?

O processo de transformação das travestis se inicia com a ruptura do convívio familiar, seguido pelo apego a rua, na qual as travestis sobrevivem, aprendem e se potencializam ²⁸ (PELÚCIO, 2005). Desta forma, entre os inúmeros motivos que podem ser analisados, destacamos que as a mesmas se prostituem (ou são prostituídas?) por uma questão familiar e econômica. Um discurso que tem-se generalizado entre as mesmas, refere-se é a importância de alcançar a sobrevivência, sendo possível por meio da prostituição, já que não vêem outra alternativa, devido o preconceito.

Pensando na questão familiar, a região de Guarapuava - Paraná, é pautada por um discurso conservador, em que o preconceito não está embasado apenas no patriarcado ²⁹, mas também na heterossexualidade. Nesta sociedade, apenas o feminino e o masculino têm seus espaços garantidos, colocando as travestis em situação de

²⁷ SANTOS, Paulo Reis dos. *Travesti: corpos ambíguos, gêneros e cheque*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 – Sexualidades, corporalidade e transgêneros: narrativas fora da ordem – ST 16. 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st_16.html.

²⁸ PELÚCIO, Larissa Maués. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. *ANTHROPOLÓGICAS*, ano 8, volume 15(1): 123 – 154 (2004).

²⁹ O patriarcado é um sistema em que os homens dominam as mulheres, assim esses exercem uma opressão sobre as pessoas do sexo feminino, apropriando-se por meios pacíficos ou violentos da sua força produtiva e de reprodução.

desvantagem e marginalidade, de clara exclusão social por não estarem dentro da normatividade, da organicidade, dos padrões simbólicos e subjetivos³⁰ (SILVA; BARBOZA, 2005).

Seguindo esta lógica, quando as famílias e conhecidos descobrem que estas pessoas são ou querem ser travestis, há na maioria das vezes, uma ruptura do convívio familiar. Deste modo, ao saírem de suas casas, as travestis, que não tem a maioria dos seus direitos como cidadãs propiciados, retiram seu sustento da atividade comercial sexual³¹ (Ornat, 2001).

Com as travestis que tivemos contato, descobrimos que esse discurso se repetia, todas estavam afastadas do convívio familiar e, naquele momento moravam juntas. Deste modo, haviam seis travestis morando na mesma casa, e todas se prostituíam no período da noite, para conseguirem se manterem.

Outra travesti comentou que ao ir comprar um produto em uma loja, já sente o preconceito, mesmo sendo cliente, logo se fosse trabalhadora e atendente, imaginava que sentiria ainda mais a exclusão. Assim, mesmo que essas pessoas queiram trabalhar de maneira formal, não há a oportunidade de emprego, pelo fato de não estarem dentro de uma normativa pautada na heterossexualidade.

Outro fator que mantém essas pessoas na condição de trabalho sexual é o alto valor que ganham para realizarem os programas sexuais. Através deste trabalho, as travestis conseguem investir e manter a sua aparência, visto que, gastam muito dinheiro com silicones, apliques, maquiagens, entre outros utensílios de beleza. Segundo Ornat (2011), uma categoria de motivação entre as travestis seria a possibilidade de transformação do corpo biologicamente masculino para o feminino. Sendo estas transformações possíveis através do sucesso financeiro e o aumento de rendimento.

Também encontramos esse fato em Guarapuava- PR, as travestis comentaram que o preço para o programa com elas era alto, em média R\$ 200,00 (duzentos reais) e, complementaram que os seus clientes não eram pessoas da rua, mas sim, advogados, médicos e pais de família, que tinham a condição de pagar o valor cobrado.

³⁰ SILVA, Alessandro Soares; BARBOZA, Renato. Diversidade sexual, Gênero e Exclusão Social na produção da Consciência Política de Travestis. *Athenea Digital* - num. 8: 27-49 (otoño 2005). Disponível em <http://www.raco.cat/index.php/Athenea/article/view/39153/39015> Acesso em: 12 de julho de 2014.

³¹ Ornat, Marcio José. Território descontínuo e prostituição travesti no sul do Brasil In: *Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras*. Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras / Org. por Joseli Maria Silva e Augusto Cesar Pinheiro da Silva. Ponta Grossa, Todapalavra, 2011. 265 p. il.

A prostituição não é apenas um contexto em que a travesti consegue se manter financeiramente, mas também um espaço onde pode desenvolver sua auto-estima, devido ao fato de ser elogiada e reconhecida pelos seus clientes e demais pessoas do seu convívio diário³² (Garcia, 2008).

Nas ruas, conseguem desenvolver relações diferentes do seu cotidiano, conseguem desenvolver amizades e amores. Benedetti (2008), afirma que as relações entre travestilidades e os espaços em que acontecem as práticas de prostituição podem ser constitutivos das identidades sociais dos travestis³³. Desta forma, as ruas, os prostíbulos e as casas noturnas, seriam mais que um lugar profissional ou de sobrevivência, mas sim um importante espaço de sociabilidade e aprendizado para as travestis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre prostituição e em especial sobre prostituição travesti ainda apresenta muito preconceito por parte da sociedade. Excluídas do mercado de trabalho formal, essas profissionais recorrem à prostituição como forma de garantirem seu sustento em meio à sociedade. A noite não é fácil, o que a maioria das travestis relata ao dizer que não se está ali, na noite, com o intuito de sobrevivência, a garantia de um possível sustento.

Ainda que estigmatizadas estas profissionais não desistem de viver suas verdadeiras identidades de gênero mostrando a toda sociedade que estão presentes em todos os locais de sociabilidade, mesmo não sendo quistas. Assim, conseguem derrubar os estigmas e termos pejorativos que lhes foram impostas simbolicamente ao longo dos anos.

Logo, o intuito maior deste trabalho traz a desmistificação do ser travesti em meio à sociedade. Através de ações de aceitação e esclarecimento poderemos passar uma melhor imagem do incompreensível para pessoas ditas compreensíveis. "Lembrando ainda que a violência muitas vezes é a resposta de inúmeras violências e

³² Garcia, Marcos Roberto Vieira. Prostituição e atividades ilícitas entre travestis de baixa renda. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2008, vol. 11, n.2, pp. 241-256.

³³ Benedetti, Marcos. Travestis, prostituição, política e direitos: uma nota etnográfica. Disponível em: <http://www.ciudadaniasx.org/travestis-prostituicao-politica-e.html>. Acesso em 12 abril de 2014.

que sem ações de aceitabilidade não somos seres sociáveis³⁴" (MATURANA, 1998, p. 71). Ademais é através da informação publicada neste artigo, novas pesquisas e contatos poderão ser desenvolvidos. Podendo assim, passar uma imagem de pessoas humanas, dignas de respeito e direitos entendendo suas necessidades e galgando cidadania para as mesmas.

REFERÊNCIAS

AGROSINO, Michel. *Etnografia e Observação Participante*. São Paulo: Artmed, 2008.

BENEDETI, Marcos. *A batalha e o corpo: Breves reflexões sobre travestis e prostituição*. 2004. Disponível em: http://www.ciudadaniasexual.org/boletin/b11/breves_reflexoes_sobre_travestis_e_prostituicao.pdf. Acesso em: 12 de abril de 2014.

BENEDETTI, Marcos. *Travestis, prostituição, política e direitos: uma nota etnográfica*. Disponível em: <http://www.ciudadaniasx.org/travestis-prostituicao-politica-e.html>. Acesso em: 12 abril de 2014.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRUNS, Maria Alves de Toledo; GOMES, Osvaldo Pereira Juniorr. (1996). Prostituição: O discurso de quem se vende e o silêncio de seu comprador. *Jornal Brasileiro de DST*, Rio de Janeiro, 8(4), 4-13.

CUNHA, Maria João Mendes. *Vivências do Corpo na Prostituição Feminina*. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade de Coimbra. Coimbra, 2012.

DENIZART, Hugo. *Engenharia Erótica: Travestis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

FONAI, Ana Carolina Vieira; DELITTI, Maly. Algumas contingências mantenedoras do comportamento de prostituir-se. *Rev. bras.ter. comport. Cogn.* V.9, n. 1, p.103-113, 2007.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Prostituição e atividades ilícitas entre travestis de baixa renda. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2008, vol. 11, n.2, pp. 241-256.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

³⁴ MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GUIMARÃES, Roberto Mendes.; BRUNS, Maria Alves de Toledo. Prostituição de luxo: a vivência sexual das profissionais do sexo. *ANAIS Fazendo Gênero 8 Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis, 2008.

KULICK, Don. *Travesti: Sex, Gender and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes*. Chicago, The University of Chicago Press, 1998. *Travesti: Prostituição, Sexo, Gênero e Cultura no Brasil*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2008.

LOPES, Suzana Helena S. S. 1995. Corpo, metamorfose e identidades: de Alan a Elisa Star. In LEAL, Ondina F. (ed.): *Corpo e significado*. Porto Alegre: Editora da Universidade.

MADEIRO, Alberto Pereira; RUFINO Andea Cronemberger, O Aborto induzido entre prostitutas: um levantamento pela técnica de urna em Teresina - Piauí. *CienSaude Colet*. v.17, n.7, p.1735-1743,2012.

MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MINAYO, Maria Cecília. Souza. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2008.

ORNAT, Marcio José. Território descontínuo e prostituição travesti no sul do Brasil In: *Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras*. Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras / Org. por Joseli Maria Silva e Augusto Cesar Pinheiro da Silva. Ponta Grossa, Todapalavra, 2011. 265 p.

PELÚCIO, Larissa Maués. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. *ANTHROPOLÓGICAS*, ano 8, volume 15(1): 123 – 154 (2004).

REY, Fernando Gonzalez. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade – Os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005

SANTOS, Paulo Reis dos. Travesti: corpos ambíguos, gêneros e cheque. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 – Sexualidades, corporalidade e transgêneros: narrativas fora da ordem – ST 16*. 2006. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st_16.html. Acesso em: 20 de abril de 2014.

SOUSA SANTOS, Boaventura. *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Alessandro Soares; BARBOZA, Renato. Diversidade sexual, Gênero e Exclusão Social na produção da Consciência Política de Travestis. *Athenea Digital* - num. 8: 27-49 (otoño 2005). Disponível em <http://www.raco.cat/index.php/Athenea/article/view/39153/39015> Acesso em: 12 de julho de 2014.

SILVA, Edil Ferreira; COSTA, Daysse Bezerra; NASCIMENTO, José Ulisses. O trabalho das profissionais do sexo em diferentes lócus de prostituição da cidade. *Psicologia: Teoria e Prática*. v.12, n.1, p.109-122, 2010.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. *Revista Geouerj*, v. 1, n. 18, p. 135 – 149. 2008.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

(Recebido em setembro de 2015; aceito em novembro de 2016)